

# **INTRODUÇÃO à proposta para Um Novo MAM para São Paulo: o parque do Ibirapuera do V Centenário.**

Angelo Bucci  
2014

Sapienza Roma

---

O projeto surgiu pelo convite de Lisette Lagnado, curadora, e Ana Maria Maia, curadora-adjunta, para o 33º Panorama, em 2013. Trata-se de uma importante mostra [Panorama da Arte Atual Brasileira] organizada a cada dois anos pelo Museu de Arte Moderna [MAM] de São Paulo. A mostra de 2013 foi concebida como um panorama propositivo provocado pela seguinte pergunta formulada pela curadoria: “Um novo MAM por que e para quem?”. Para respondê-la, além de um grupo de vinte e cinco artistas escolhidos, a curadoria selecionou também sete escritórios de arquitetura [Andrade & Morettin, SPBR, GrupoSP, SUBdV, Y-Arquitectura, Tacoa e Usina]. Claro, o modo como um arquiteto responde a uma questão é através um projeto. Projetos que entram em cena, nesse caso, para alimentar o debate e para expandir o campo de possibilidades de respostas à questão proposta.

O MAM de São Paulo foi fundado em 1948 por Cicillo Matarazzo, no ano seguinte ganhou sede no mesmo edifício onde funcionavam os “Diários Associados”, no centro de São Paulo.

Paralelamente, àquela altura já estava em projeto o Parque do Ibirapuera por Oscar Niemeyer e Burle Marx e que seria inaugurado em 1954, por ocasião do quarto centenário da cidade de São Paulo.

No início dos anos sessenta a gestão do MAM entrou em tal crise que culminaria com a transferência de todo o seu acervo, em 1963, para a Universidade de São Paulo, USP, compondo o Museu de Arte Contemporânea da USP.

Ainda correndo em paralelo, em 1959, por ocasião da 5ª Bienal de Arte de São Paulo, a ilustre arquiteta Lina Bo Bardi propôs a exposição paralela “Bahia no Ibirapuera”. Para tal exposição, ela encerrou uma área de 400 m<sup>2</sup> que foram subtraídos do espaço aberto da marquise do Ibirapuera. Após a realização da mostra, no entanto, aquele espaço não foi liberado, ao contrário, serviu por dez anos como depósito de apoio para Bienal de Arte de São Paulo.

Seis anos após a dissolução do acervo do MAM, em 1969, o museu ressurgiu através de uma exposição: era o primeiro Panorama de Arte Atual Brasileira. É nesse momento as duas histórias paralelas se unem, pois o primeiro Panorama teve lugar no antigo “Pavilhão Bahia”. O primeiro Panorama, feito com projeto de instalação de Giancarlo Palanti, acabaria por consolidar naquele mesmo endereço a sede permanente do MAM que ressurgia sob a marquise do Parque do Ibirapuera.

Em 1982, Lina Bo Bardi, juntamente com Andre Vainer e Marcelo Ferraz, volta à cena para o projeto de uma remodelação que ampliaria para 900 m<sup>2</sup> a área encerrada pelo MAM sob a marquise do parque.

O excelente artigo escrito por Mara Gama, para a Folha de S. Paulo, 14 de julho de 1998, parcialmente transcrito abaixo, dá o tom do debate sobre o tema da ocupação da marquise logo após a implantação do seu projeto de 1982 e evidencia que a questão trazida pelo 33º Panorama tem antecedência e pertinência, é uma questão crucial para as duas instituições, o MAM e o Parque, que caminham juntas há 45 anos.

No primeiro ano do novo museu, Lina ficou descontente com a maneira de expor as obras. Em carta enviada à coordenação do mam, em setembro de 1983, a arquiteta defende a retirada dos painéis. Sua insatisfação perdurou e, em dezembro, Lina, Vainer e Ferraz fazem uma autocrítica pública: “A exposição montada apinhadamente e diletantemente pela equipe do mam destruiu as bases arquitetônicas do projeto. O mam teve a ajuda do Poder Público para servir a população de São Paulo e o resultado obtido demonstra que nossa atitude profissional foi errada. Ao invés de reconstituir o mam, devíamos ter reconstituído o projeto original do arquiteto Oscar Niemeyer e liberado a marquise.”

A arquiteta volta a insistir em carta publicada pela Folha, em 16 de junho de 1984: “Tendo chegado ao meu conhecimento que, para ampliar o Museu de Arte Moderna (...), foi invadido um ulterior espaço da marquise, esclareço o seguinte: o projeto do museu (...) teve como princípio a preservação visual da marquise de Oscar Niemeyer, através de uma grande parede de vidro, recuada da estrutura portante. Dita ampliação, feita à revelia do arquiteto, fere (como intervenção descontrolada) não somente a ética profissional, como permite, democraticamente e legalmente a ocupação (...) de parques e áreas públicas pelas entidades mais diversas, o que representaria um perigo a mais para as áreas públicas da comunidade.”

O museu cresceu e planeja expandir-se, incorporando mais uma parte da marquise. Os defensores da obra de Niemeyer consideram um erro tratar a marquise como um telhado e uma calçada prontos para serem recheados. Propõem como alternativa realocar fora do parque Detran, Prodam e museus abandonados para instalar mam, MAC e usar o Ibirapuera como espaço cultural, sem para isso descaracterizar sua obra inaugural.

\* \* \*

Para formular uma resposta adequada à pergunta de Lisette Lagnado não basta julgar ou tomar partido em favor de um dos dois célebres arquitetos, Lina Bo Bardi ou Oscar Niemeyer. Não basta decidir pelo MAM ou pelo Parque. Ao contrário, ela requer a consideração das precedências, do convívio por vezes conflituoso entre as duas instituições, para formular uma proposta que supere pela síntese as aparentes dicotomias que a questão suscita e personifica em diferentes atores conforme o contexto: Niemeyer e Bo Bardi; MAM e Marquise; parque e cidade.

Imagine só: um museu que está, ao mesmo tempo, dentro e fora do parque. Um edifício que abarque distintas escalas de tempo, sincronizado tanto com o lazer no parque quanto com a pressa das avenidas. Uma construção que ora se perceba na escala de um edifício, ora na escala urbana. Um prédio que não se possa abarcar por inteiro pela visão, mas que se possa inferir claramente pela lógica e pelo seu significado. Um edifício cidade. Um museu que tenha em seu acervo permanente jardins de Burle Marx e edifícios de Oscar Niemeyer. Não é pouco.

Qual seria a forma perfeita? Qual a dimensão adequada?

Um quadrado de 750 m de lado. Apesar da perfeição geométrica e da grande dimensão, a sua inserção no contexto tem uma precisão fina, relojoaria. É inclusive difícil dizer se é uma inserção ou uma revelação. Afinal, a figura, quadrado, com essa dimensão, 750 m, já estavam lá. A sua implantação já tinha o seu lugar definido desde a origem daqueles edifícios. Pode-se dizer que nós nos servimos oportunamente da mesma matriz geométrica que guiou a implantação proposta dos edifícios de Oscar Niemeyer. Assim, a nossa proposta para o Novo MAM junta duas características raras de serem combinadas: um absoluto rigor geométrico aliado a uma grande versatilidade de acomodação ao contexto pré-existente. Por isso nenhuma árvore precisa ser removida, nenhuma rua ou caminho, alterado.

A formulação que apresentamos faz supor que o encontro do MAM com o Parque foi profícuo, que o debate entre Lina Bo Bardi e Oscar Niemeyer enriquece nossa cultura construtiva, como se o MASP e o Ibirapuera pudessem se aliar. O Novo MAM SP quer demonstrar que diante da questão que nos foi proposta e honrando as antecedências é possível configurar o museu, o parque e a cidade de um modo como único e sem paralelo possível no mundo.